

O ensino da filosofia de Santo Agostinho na realização do Teatro da Paixão de Cristo

Juliano de Siqueira Venturini^{*}

Jean Rodrigo Pinheiro^{**}

Filipe Gomes de Freitas^{***}

Resumo: Este pôster pretende mostrar um trabalho realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Irmão Quintino, a partir do livro *Confissões* de Santo Agostinho juntamente com a apresentação da encenação do teatro *A Paixão de Cristo* realizado pelas etapas três e quatro da Educação de Jovens e Adultos – EJA, do turno da noite. Tem como objetivo a integração do ensino de filosofia juntamente com as aulas de ensino religioso, voltando o olhar ao transcendente. Também a participação dos alunos da EJA com uma visão de integração social e capacidade de trabalhar o conjunto, trabalhar a equipe. Ver a necessidade de ter o outro como colaborador do trabalho final, e assim ensinar, filosoficamente, o bem agir na sociedade.

Palavras-chave: Educação. Filosofia. Deus. Agostinho.

Introdução

Vê-se a necessidade, olhando a realidade do ensino de filosofia na Educação de Jovens Adultos – EJA, pensar e fazer algo que vai além do sensível¹, o que muitas vezes dá um real sentido à vivência humana. Pretende-se, neste pôster, apresentar um trabalho realizado a partir da obra *Confissões* de Santo Agostinho, juntamente com o intuito de destacar a tradicional festa cristã da Páscoa, com o teatro da *Paixão de Cristo*, sendo que, primeiramente, apresentamos um pouco da obra, direcionado ao livro X das *Confissões* e,

^{*} Acadêmico do 1º semestre do curso de Filosofia da Faculdade Palotina – FAPAS de Santa Maria. E-mail: juliano-venturini@hotmail.com

^{**} Acadêmico do 5º semestre do curso de Filosofia da Faculdade Palotina – FAPAS de Santa Maria. E-mail: jean.rodriigo.p@hotmail.com

^{***} Acadêmico do 3º semestre do curso de Filosofia da Faculdade Palotina – FAPAS de Santa Maria. E-mail: filipe.sh.freita@gmail.com

¹ Quando se fala em coisas sensível, volta-se o olhar ao pensamento contemporâneo ao basear-se apenas no conhecimento e busca pelo conhecimento através dos dados sensoriais. Também entra neste, o fator do materialismo, impregnado na vivência social. E, ainda, o mecanicismo, trata-se pessoas como máquinas e objetos. Vendo esta realidade, acha-se por necessário um olhar transcendente para a vivência social.

posteriormente, segue um breve comentário da necessidade, juntamente com uma visão do ensino no Brasil, à educação como meio lúdico de ensino, através do teatro.

Com o teatro e o trabalho lúdico podemos melhor dinamizar o ensino da filosofia antiga, adentrando na filosofia medieval, também com olhar para a integração do grupo, trabalho em equipe, desenvoltura oral e, possivelmente, quebra do paradigma professor (detentor do conhecimento) *versus* aluno (receptor). Pensa-se dinamizar o conhecimento para que, a partir do aluno, possa haver um princípio de reflexão e comprometimento com o tema proposto.

Agostinho traz, em seu livro, o desejo de conhecer e amar a Deus. Quer fazer uma experiência real de Deus, partindo de suas confissões, mas argumenta sobre a existência de um Deus criador, onipotente, onisciente e onipresente. Para poder fazer esta experiência com Deus, Agostinho vê-se necessitado a confessar. Para isso, volta seu olhar as suas maiores misérias humanas. Reconhece suas fraquezas e suas faltas. Por isso, deve desprender-se de si mesmo, onde se volta a um processo de renúncia de suas próprias vontades e desejos, para que seja feito o que é agradável à Deus.

1 Agostinho e o auto conhecer-se em Deus

Agostinho mostra seu desejo de conhecer a Deus, assim como o próprio Deus se conhece e o conhece como criação. Sente a necessidade de mostrar somente a verdade, pela qual Deus nos ama, em seus escritos, suas confissões.

Esta confissão é realizada, conforme diz Agostinho, de forma silenciosa de palavras, mas não silenciosa em gemidos e gritos da alma e do pensamento, já que em tudo que faz, se em atos maus, provém dos frutos da carne, e os atos bons, provém da louvação de Deus, e do próprio Deus que alcança e sabe tudo. É o amor que guia a confissão.

Nota-se certo desconforto de Agostinho, vendo a necessidade de confessar-se a outros homens, tendo que obter alguns objetivos para tal ação, como a do autoconhecimento, ou da própria necessidade que os homens têm de conhecer uns aos outros. Agostinho questiona esta forma de conhecer e fala: “Mas os seus ouvidos não me auscultam o coração, onde sou o que sou.” (AGOSTINHO, 1973, pg. 172). Somente se conhece verdadeiramente no íntimo do coração, e, sendo assim, pergunta-se do objetivo das suas confissões, onde os homens querem conhecer além do que os olhos podem ver, o que se é no interior. Somente se pode conhecer, se há a confiança na clareza da verdade, dita pelas confissões.

Agostinho busca, primeiramente, apresentar um fruto para estas confissões, que se segue com um coração fraterno na busca pelo “não o que fui, mas o que já sou e o que ainda sou.” (AGOSTINHO, 1973, pg. 173). Segue a necessidade de que os homens que leem estas confissões “respirem eles nas minhas boas ações, e suspirem nas más” (AGOSTINHO, 1973, pg. 173), tendo que seja exemplo para os homens. Segue-se, também, um apelo ao Deus criador para que termine a obra começada, já que Ele tudo faz e tudo pode. Assim, “O fruto das minhas *Confissões* é ver, não o que fui, mas o que sou.” (AGOSTINHO, 1973, pg.173,).

O filósofo compara-se a um peregrino longe de Deus, já que não o conhece face a face. Assim como não se conhece, sendo que Deus deve conhecer mais o homem que ele mesmo, pois foi o seu criador. Mas por ser homem, Agostinho diz que se conhece mais do que conhece a Deus. Assim, confessará tudo o que sabe, pela iluminação divina, e também o que ignora saber, pela luz da presença de Deus.

O amor toma conta do coração quando se volta a Deus, mas aí vem a pergunta do que se realmente ama? Não é da claridade da luz, nem da glória temporal, nem das canções, nem do perfume e cheiro das flores e nem do abraço apertado, mas de tudo isso de forma que não se cabe de forma visível, mas se sente onde não se deteriora, onde o vento não leva embora, onde a canção ou a luz não se apaga. Mas quem é Deus? Agostinho torna belíssima a busca por Deus, e pergunta as todas as criaturas, terra, céu, mar, répteis, abismos, animais e plantas, e todas responderam: “Nós também não somos o Deus que procuras (...) Foi Ele quem nos criou” (AGOSTINHO, 1973, pg.175,). Depois, volta o olhar para si, e se vê também como criação, sendo alma e corpo, interior e exterior, ambos criados por Deus. Mas a alma é que dá a vida ao corpo, e desta forma, olhando não apenas a parte da criação, mas em seu todo que é muito maior, encontramos Deus, como ser vivificante do mundo.

Há uma força que vivifica e sensibiliza o corpo, criado por Deus, que vai além do simples guiar o olhar ou o ouvido, mas é o que organiza cada qual conforme o seu lugar e o seu ofício. Não é o mesmo que vivifica os animais, mas alguma coisa maior que o próprio poder vivificante.

2 Dinamizando a educação de jovens e adultos

A educação para jovens e adultos é uma grande urgência dentro do panorama da totalidade do ensino e formação humana no Brasil. Os bancos escolares, hoje, se encontram com uma heterogênea faixa etária. Essa multiplicidade de idades necessita de atendimento capacitado que leve em conta a realidade cognitiva dos educandos.

Assim, o ensino das mais diversas ciências, e no presente artigo, o filosofar para/com a EJA enquanto tarefa formativa requer lançar mão de novas técnicas, muito além da educação bancária de outrora. Uma destas técnicas, é a mistura entre o ensino de filosofia e as artes cênicas, no presente caso, o teatro.

Desde a antiguidade clássica grega, o teatro era usado como forma de entretenimento da população e ao mesmo tempo representar aspectos sociais e cosmológicos daquela civilização. Não era diferente no Império Romano, com o Coliseu e as encenações públicas de batalha, lutas de gladiadores etc. O costume de representar a realidade chegou até o tempo atual, e seguiu ao longo da história representando-a com o viés de entretenimento, mesmo carregado de conteúdos estudados em sala de aula. Dado o presente contexto histórico, hoje, como forma mais lúdica, criativa, dinâmica e interdisciplinar para o ensino de filosofia, pensa-se também ser possível o uso do teatro em sala de aula.

Uma educação dinâmica enquanto método de ensino para a EJA, na busca de atender as necessidades de obter melhores resultados para a formação humana, intelectual e social dos educandos, deve trazer consigo o uso de elementos advindos de outras áreas da atividade humana, como já dito, o teatro é uma alternativa, pois junta a filosofia como prazer de aprender de uma forma cativante pela emoção da sétima arte.

Pois, para um bom ensino de filosofia é preciso que esta, ao ser apresentada a quem se quer educar, deve trazer consigo o ímpeto de recuperar a sua casa perdida, a filosofia nasce como, e é, a mãe de todas as áreas do saber, mas, perdeu seu espaço assumindo um caráter onipresente dentro da escola e da própria vida humana. Hoje, o profissional da educação no ensino filosófico precisa perscrutar técnicas novas para dar um novo significado a filosofia em sala de aula e para o cotidiano de seus educandos. O ensino dinâmico da filosofia passa pela iniciativa de manter o conteúdo essencial somado a uma pedagogia que busque compreender a realidade dos alunos.

Conclusão

Conclui-se, a partir deste, a necessidade de se trabalhar de maneira lúdica os textos filosóficos, também se vê, pelo teatro, uma forma de aprender a participar da sociedade de maneira autêntica e autônoma. Assim temos a compreensão de, pelo teatro, produzir um questionamento filosófico a cerca do transcendente.

Referência

AGOSTINHO, Santo. **Confissões, De Magistro**. Tradução de J. Oliveira Santos e Ambrósio de Pina. Coleção *Os Pensadores*. São Paulo: Victor Civita, 1973.

IMBERNÓN, Francisco (org). **A educação no século XXI**: Os desafios do futuro imediato. Tradução de Ernani Rosa. Ed. Artmed. Porto alegre, 2000.